

A igualdade perante a lei

Um dos grandes princípios proclamados aos quatro ventos como uma das vantagens da democracia é este: — a lei é igual para todos, ou — todos são iguais perante a lei. Mas constantemente nós vemos que não é assim. O povo sofre sempre as consequências da sua desigualdade económica em relação aos que dispõem das riquezas e, assim, a sua situação perante a lei é muito diversa da de qualquer burguês endinheirado, ou mesmo apenas um influente eleitoral.

Depois sabe-se muito bem que os lobos não se comem uns aos outros. Mesmo quando se trata de pessoas que não são do mesmo partido, mas aceitam as ideias gerais do Estado, o princípio de autoridade, a hierarquia social, a disciplina forçada, o militarismo, etc., essas pessoas gozam de regalias em relação à lei, de que não podem usufruir os misérrimos como nós, que não possuímos nada e não comungamos nas ideias políticas dominantes.

Um exemplo. Vejam o que disseram Cunha Leal e os nacionalistas a respeito do chefe do Estado. Se fossemos nós...

Se nós tivéssemos dito ou escrito metade daquilo já a estas horas estávamos a ferros, aguardando um julgamento e porventura a deportação para a África.

E' bom que acentuemos que nenhum desejo teríamos de usar da mesma liberdade que foi concedida aos nacionalistas. Não temos nenhuma razão para ser agressivos para com o sr. Teixeira Gomes, que independentemente da sua situação de presidente da república, é um homem digno de consideração, um escritor de muito merecimento, um intelectual dum alto valor.

Mas se em vez de ser tudo isso fôsse um mediocre e como chefe de Estado contendesse com a nossa liberdade e nós tivéssemos de o atacar por isso, bastaria que o fizéssemos um pouco abaixo do tom violento em que o atacaram os nacionalistas para nós irmos até ao Limoeiro ou até ao forte de Monsanto.

Vejam o que sucedeu ao Jorge dos Santos, preso sob a acusação de ter composto e impresso na sua oficina um manifesto onde se não ataca o chefe do Estado mas apenas alguns marechais do partido democrático. O crime d'este é horroroso.

O despalante dos nacionalistas atacando o sr. Teixeira Gomes, sem nenhuma espécie de disfarce, para não pôr em cheque o próprio prestígio das instituições, isso não é nada, nem merece sequer uma censura dos homens que estão à frente dos destinos da governança.

Que ao menos o público repare nestes factos e veja como os republicanos falham na prática quanto aos princípios que apregoaram no tempo da propaganda. A lei igual para todos. Está-se a ver...

NA AMÉRICA

14.000 mineiros em greve

Cinco minas inundadas

MONTREAL, 9.—Estão inundadas cinco minas que sofreram enormes prejuízos devido à greve dos mineiros de Cape Breton na Nova Escócia. O número de mineiros em greve é de 14.000. A polícia e os empregados de escritório estão-se esforçando por fazer manobrar as bombas para exgotar a água. Na região há grande desanimo porque as minas não trabalham desde Dezembro último. Os operários pedem aumento de 40 % sobre os salários e a Companhia que quer baixar-lhes os salários em 10 %.—(R.)

Uma manifestação socialista contra a guerra

O conselho geral da F. S. I. tomou a decisão de escolher em 1925 um dia especial contra a guerra e para isso resolveram fazer sobressair de uma maneira especial, no dia primeiro de Maio, a vontade de paz do proletariado.

O dia 1.º de Maio sempre foi uma demonstração de solidariedade internacional; no ano passado, quando se celebrou o aniversário de ter rebentado a conflagração europeia, foi indispensável dar a mais forte expressão de odio à guerra e à vontade da colaboração pacífica.

Foi por esta causa que se decidiu a celebração de um «Dia contra a guerra» que se celebrou em todo o mundo.

«Este ano—diz a F. S. I.—o primeiro» de Maio será o nosso dia contra a acção militarista.

OS CRIMES DA POLÍCIA

Um operário barbaramente assassinado à sabrada, depois de preso!

Entre as testemunhas desta hedionda façanha, encontra-se um cabo da G. N. R. que fez um depoimento esmagador

Está estabelecido que todos nós temos a nossa liberdade, a nossa dignidade e a nossa vida dependentes do primeiro polícia que, para dar satisfação aos seus maus instintos, nos prende, nos insulta, nos agride e nos assassina. A polícia tem o direito de morte sobre todos os trabalhadores. A impunidade favorece a ponto de serem cometidos os maiores e mais repugnantes crimes, sem que os polícias que os praticam sofram o mais ligeiro incómodo.

Cada vez que lemos o relato dum tribunal em que um homem é condenado por matar, pensamos sempre que ele foi condenado por não ser da polícia.

O crime hoje vestiu a farda de polícia e mora nas esquadras. Sob a farda dum polícia pulsa o coração dum assassino... Nem todos os polícias matam, mas são já em grande número as pessoas que têm sido assassinadas por polícias, em condições as mais cobardes e as mais repugnantes.

Anteontem, no bico da Gaieta, foi assassinado pela polícia o operário Manuel de Brito. Diz O Seculo, numa das suas mais desonestas e mentirosas reportagens, que o operário era um desordeiro com largo cadastro, que tinha a alcunha de «Romão» e que foi morto a tiro depois de agredir um polícia e ter tentado evadir-se.

Fomos ontem ao local do crime saber como se deu o assassinato do Romão.

Falámos em primeiro lugar, com o irmão da vítima. Algumas das suas declarações: —Meu irmão não tem largo cadastro: esteve apenas duas vezes preso. Estas prisões não excederam 24 horas. Não tinha a alcunha de «Romão», como O Seculo afirma. Romão é nome proprio dum irmão meu. Meu irmão vivia do seu trabalho e era o amparo dos seus irmãos menores.

Outras testemunhas, muitas testemunhas fazem-nos identicas declarações. Manuel de Brito era geralmente estimado como o próprio Diário de Notícias o afirma dizendo que «a sua morte causou em todo o bairro de Alcântara a mais viva emoção».

Percorremos dumedamente o bico da Gaieta. Era noite e chovia. O aguaceiro não conseguia contudo limpar o pavimento, muitas pedras ainda estavam manchadas de sangue — sangue dum pobre mulher — Ana de Oliveira, de 40 anos — que foi atingida a tiro por uma das balas e do desventurado Manuel de Brito. Ainda naquele bico, na esquina da Travessa José António Pereira, estavam pintados a letra encarnada uns dizeres referindo o crime, salientando que ele fôra tão bárbaro como o dos Olivais.

Uma unica dificuldade tivemos em averiguar como o crime fôra praticado: o número avultado de pessoas que se ofereciam para o testemunhar e a indignação de que estavam possuídas... A primeira que ouvimos, Maria Augusta Torres, bico da Gaieta, 16, aqua-furtada, contou-nos assim o caso, sobriamente:

—Estava à janela de minha casa quando ouvi detonações. Vi depois um rapaz fugir e ser preso, a poucos passos, por um cabo da guarda republicana, que vinha passando. O rapaz entregou-se, sem fazer resistência. Surgiram quasi a seguir dois polícias. O cabo entregou-lhes o rapaz dizendo:

«O homem está preso, não se lhe bate». Foi como se o cabo lhe tivesse dito o contrário. Desataram a bater com os sabres, desalmadamente no pobre do rapaz. Altitismo, julgando até que se tratava dum filho meu — o bico não tem iluminação, não podendo, portanto, distinguir bem as pessoas — desci rapidamente a escada e gritei, gritei... Ainda vi o rapaz cair de bruços na rua. O cabo da guarda republicana ainda gritou para os polícias: «em homem morto não se bate», mas os polícias — eram dois — continuaram a bater-lhe.

Maria Augusta pára um pouco a sua narração e acrescenta depois, fixando um pormenor:

—Quando o guarda republicano entregou o preso a um dos polícias, disse-lhe: «você fugiu-me mas há-de me pagar. Vou matá-lo». E foi então que lhe começaram a bater.

Outra testemunha: Anibal Fernandes de Oliveira, marítimo, pádio das Farinhas, 21, 2.º esq., assistiu à agressão. Viu os polícias agredirem o rapaz, batendo-lhe com os sabres na cabeça e em várias partes do corpo. O pai desta testemunha, Manuel Fernandes de Oliveira, contou-nos deste modo, o que presenciou:

—Vinham pela rua 24 de Julho alguns polícias conduzindo 5 presos. Um dos polícias voltou-se para um preso e disse-lhe: «você passou à porta deles, mas não dá um ai». O preso a quem fôra feita esta ameaça deitou a fugir para o bico da Gaieta. Manuel Fernandes Oliveira relatou-nos depois que o rapaz até ser morto não ofereceu resistência. Acudiu-lhe quando ele tinha rolado de bruços no pavimento. Encontrou-o à parede e teve a convicção que ele já estava morto. Juntaram-se mais algumas pessoas, entre as quais Maria das Dores e Maria Rosa, peixeiras, que verberaram o crime praticado. Assistiram à fuga dos polícias e à prisão dum deles pelo cabo da G. N. R.

Fomos em direcção ao posto da G. N. R. às Janelas Verdes, a que pertence o cabo a que aludimos neste relato. Tem o n.º 201 da 13.ª. Singelamente referir-nos assim o crime:

—Passava ocasionalmente no bico da Gaieta quando ouvi tiros. Pouco depois apareceu-me um rapaz em correria. Prendi-o e entreguei-o a dois polícias. O rapaz não protestou e eu pedi aos polícias que

PELA POLITICA

O Congresso Nacionalista foi apenas uma assembleia de apetites e despeitos políticos

Injurioi-se o Chefe do Estado, saudaram-se o exército de terra e mar e as «forças vivas» — e nada mais

O Congresso Nacionalista encorrou anteontem os seus trabalhos, sem ter adoptado uma única resolução concreta sobre a sua atitude política no actual momento. Palavras, palavras, palavras... Resoluções, nenhuma. Tudo a cargo do Directorio que se pronunciaria, a seu belo capricho, se o partido deve ir ou não às urnas no próximo acto eleitoral.

A reunião do congresso foi inútil, revelando, como revelou, uma grande hesitação e a existência de duas correntes: uma a favor, outra contra a abstenção eleitoral, abdicando as duas em proveito do Directorio que decidirá o rumo a seguir, como se o partido fôsse nêle que se resumisse.

Uma das notas salientes do congresso foi a chuva entusiástica de saudações às forças de terra e mar. Apontamos este pormenor para demonstrarmos a especulação que se anda constantemente fazendo com as chamadas forças de terra e mar, como se estas tivessem interferência na resolução dos grandes ou pequenos problemas colectivos ou para elles contribuissem com uma produtiva actividade.

Porque não se saudaram os professores, por exemplo? Simplesmente por que as revoluções políticas e os golpes de Estado de mesquinhos objectivos, se não fazem com escolhas, mas com peças de artilharia. Saudou-se a tropa de mar e terra no desejo de a captar, na dourada esperança de que a caserna venha, com suas espadas e espingardas, sobrepor-se a tudo, pela violência, e decidir a situação politica a favor do Partido Nacionalista.

Quer ainda dizer essa saudação que aquele partido confia mais numa conspiração militar do que na opinião pública ou na influencia dos seus caciques eleitorais. Aquelle grupo politico está, com estúpida inconsciência, dominado pela ambição de assaltar o Estado, desenvolvendo, alimentando uma «militarite» aguda que bem pode, no futuro, voltar-se contra elle e contra os restantes políticos. A população que anseia que a caserna ocupe cada vez menos espaço no país, é que pode vir a sofrer as consequências desses politicos de rapina que querem, por meio das piores violências, conquistar o poder.

tinham desembainhado os sabres para não lhe fazerem mal. Eles não me atenderam e começaram batendo à doida no preso; batiam-lhe para matar e mataram-no. Um deles quando começou a juntar-se gente, disse-me que ia buscar uma macha para levar o rapaz para o hospital e não voltou a aparecer. Meia hora depois o outro polícia — 1637 — disse-me a mesma coisa e abalou. Desconfiei que ele quera fugir, corri atrás dele e prendi-o na rua 24 de Julho.

Querem os leitores ainda mais testemunhas? Ai vão alguns nomes:

Viriato José Nunes, rua Ribeiro Sanches, 5, 3.º, direito; José Jorge, bico dos Sabugueiros, 12, 1.º; José Martins, bico da Gaieta, 14, r/c.

O testemunho do cabo da G. N. R. é insuspeito. Ainda serão precisas mais provas para se concluir que anteontem foi assassinado pela polícia, com requintada selvajaria, um operário que era o amparo de seus irmãos menores? Ainda serão precisos comentários para que todos estreame de indignação contra um hediondo crime praticado pela polícia?

Menores barbaramente agredidos numa esquadra depois de sobre eles a policia ter feito um nutrido tiroteio

A policia nestes ultimos dias, como se pode verificar pela leitura dos jornais, tem-se tristemente evidenciado numa verdadeira furia canibalesca.

Nem os mais rudimentares sentimentos de humanidade já conseguem atêmpor-se à prática dos seus crimes, uma vez que ela gosa duma impunidade pasmosa, duma liberdade de assassinar que assombra!

Mata-se sem piedade, por instinto selvagem, por profissão e a sangue frio!

Envergonhamo-nos de pertencer à espécie que gerou bandidos tão repugnantes, seres tão miseráveis!

Ontem ao fim da tarde, alguns garotos encontravam-se, segundo nos vieram dizer, jogando no mercado da Praça da Figueira. A policia correu sobre eles, mas como não os capturasse sacou das pistolas e durante alguns momentos pôz em estado de sítio aquella arteria, uma das mais movimentadas, desfechando as suas «Savages».

Depois de todo esse estúpido movimento, quatro dos «criminosos» foram presos e removido, para o posto do Teatro Nacional. Ali os quatro rapazes foram selvaticamente agredidos na presença do chefe daquele

Angela Pinto morreu

Angela Pinto exalou ontem, pelas 20,40 horas, o seu último suspiro. A gené dá esta noticia e fica-se alheio à importância que ela encerra. «Angela Pinto morreu». Repetimos muitas vezes esta frase para alcançar o sentido da realidade, para nos compenetrarmos da verdade dolorosa. E o coração teima em não se convencer. E a nossa visão de vez de no-la fazer surgir pálida como as rosas brancas dos jardins discretos, teima em apresentá-la exuberante de vida, sedutora, arrebatadora, como na «Zazá».

Angela Pinto morreu. Mas nós não queremos acreditar na novidade sinistra. Recordamo-la ainda nos Mineiros, incarnando os nossos ideais, os nossos sentimentos de revolta, o nosso sofrimento, o sofrimento dos escravos desta sociedade brutal — mas não nos conformamos com a ideia alvejadora e triste duma Angela Pinto exangue, agonizando num leito branco como a alma casta duma virgem, como os sonhos brandos de uma criança.

Angela Pinto morreu. E' lá possível? Não a vemos nós ainda na formidável peça de Stringberg — «O Pai» — perversa, toda instintos malignos, toda subtilidades, toda frus abjectos e cínicos? Não, Angela Pinto morreu. Vive, vive nos personagens contraditórios que criou, sempre com o mesmo dan, com a mesma naturalidade e beleza — beleza avassaladora que nos arrebatava, que nos eleva aos pináculos iluminados dos ideais mais altos, que nos arrasta na lama das almas putridas, que nos conduz aos ambientes discretos, íntimos e familiares — que nos provoca gritos de alegria e clamores de angustia.

Morreu Angela Pinto! E' mentira. Nós, proletários, não acreditamos nessa noticia disparatada. Estamos a vê-la — não como artista exteriorizando sentimentos alheios — estamos a vê-la na própria vida, toda entregue às suas paixões, desenhando de todas as convenções, chorando as misérias dos humildes, como ela sabia chorar, socorrendo em segredo, para que ninguém o soubesse, os que eram atingidos pelas adversidades da vida ou pelas calamidades sociais.

Ela amava A Batalha — muitas vezes no-lo disse com o coração nas mãos, como ela sabia, fora da scena, dizer-nos sem rodeios o que pensava. Ela amava este jornal porque exteriorizava, porque clamava a dor ingente da anonima multidão dos trabalhadores. Por isso não acreditamos na sua morte. A nossa sensibilidade recusa-se a aceitar a horrivel verdade.

Angela Pinto morreu! Não, não morreu. Angela Pinto vive ainda nos corações dos que amou e dos que a amam pela sua arte e pelo plebeísmo da sua existência de grande estrela que derramou a sua luz deslumbrante no coração ignorado dos humildes e dos parias.

M. D.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Os desvios do cooperativismo

O cooperativismo, que na hora presente devia ser um instrumento de libertação proletária e de preparação da organização operária de amanhã, caiu na Inglaterra — como aliás tem sucedido quasi por toda a parte — nas mãos de «mercantilistas» e especuladores, estando longe de corresponder às esperanças que nele se depositou.

As cooperativas inglesas, dirigidas por elementos, que nada têm de proletários, atravessam actualmente uma crise, suscitando-se frequentemente desinteligências entre as direcções e o pessoal.

O pessoal tem reclamado aumentos de salário, que lhe têm sido recusados pelos directores.

Numa conferência a que assistiram mais de 120 delegados de cooperativas, foi resolvido não entrar em negociações com os sindicatos representantes do pessoal. Por outro lado o secretário das cooperativas declarou que estas responderiam com o lock-out à acção dos trabalhadores.

Todavia, apesar das cooperativas em geral só servirem os interesses duma minoria de funcionários, isso não destrói o valor da cooperação, que bem organizada deve trazer vantagens ao operário, e permitir-lhe iniciar-se no problema da distribuição e da produção.

Reclamações dos trabalhadores

A deputação anual do congresso das associações trabalhistas do Canadá apresentou ao governo entre outras as seguintes reclamações: pensões para a velhice, seguro no desemprego, representação proporcional, jornada de oito horas nos contratos do governo.

Ação defensiva da União Nacional dos Ferroviários

A União Nacional dos Ferroviários da Austrália empreendeu uma enérgica campanha contra o sistema de bonus e do trabalho à hora, resolvendo expulsar todos os membros que trabalhem nestas condições.

Esta atitude da União foi tomada, porque as empresas ferroviárias em Melbourne e noutras cidades adoptaram essa forma de trabalho, para estimular os trabalhadores a aumentar a produção.

As uniões locais dizem que o trabalho nestas condições é prejudicial aos trabalhadores, porque tende a aumentar cada vez mais o já crescido número de operários sem trabalho.

O elogio do fascismo feito pelo órgão das «forças vivas»

O órgão das forças vivas, aproveitando o momento que passa, dedicava o seu fundo de anteontem a defesa enciavista de Mussolini, que considera o maior homem do Estado dos seus tempos, fazendo, assim, propaganda indirecta daquela ditadura que muitos elementos conservadores não desistem de implantar em Portugal.

Entendemos, perfeitamente, O Seculo. Como a propaganda directa da ramada reacçãoária que convém às forças vivas ofereça ainda, os seus perigos em ser feita às claras, ele vai exaltando a obra do fascismo italiano, extraindo desta apenas os aspectos de aparente optimismo para engodar aqueles que ainda se mostram indecisos ante a negra aventura conservadora para onde se quer arrastar o país.

Tudo enlevado na obra de Mussolini. O Seculo cita números para provar que a Itália, nestes dois anos, atingiu a maior prosperidade, consolidando a sua vida, diminuindo as greves, aumentando as condições de trabalho, equilibrando o orçamento, intensificando a importação, melhorando, enfim, todos os factores de riqueza pública.

Bem sabe O Seculo que o papel consente os números que lhe querem pôr. Ser-nos-ia fácil contestar alguns desses números optimistas, traduzindo afirmações insuspetas de jornalistas italianos, donde se conclue que a situação fascista está muito longe desse optimismo, apesar de ter os seus serviços de propaganda bem montados em todo o mundo...

Mas, mesmo que o sistema fascista fôsse a oitava maravilha, descanço o Seculo que nunca poderia ser aplicado em Portugal onde não passaria de planta exótica.

Mais alto do que as palavras falam as experiências. Antes do Mussolinismo de Itália, e do riverismo de Espanha, tivemos nós em Portugal dois trágicos ensaios de poder pessoal, com João Franco e Sidónio Pais. Qualquer deles não chegou a resolver o caso politico, nem aborreu quaisquer modificações de ordem económica. Ambos desencadearam uma tempestade de odios e liquidaram numa póça de sangue — visão sinistra que não temos prazer em recordar.

Será, então, preciso desencadear mais desgraças a esta terra — simplesmente porque as forças vivas não querem pagar impostos e precisam continuar a explorar os consumidores?

Mas onde estavam os conservadores e as forças vivas, quando das experiências João Franco e Sidónio Pais, feitas há tão pouco tempo?

Porque não salvaram, então a coisa pública nesse momento?

Depois, não se compreende porque é que havemos de pedir um Mussolini em Portugal, visto que até agora, em monarquia ou republicana, sempre temos sido governados por conservadores?

Onde, em que partido politico, em que corpo doutrinário, em que legislação, tem os trabalhadores portugueses encontrado qualquer apoio moral ou material digno de maior consideração?

A organização, a situação que os trabalhadores disfrutam, devem-na ao seu próprio esforço, tendo sido sempre tratados como valores mortos, pelos homens de Estado.

Chamem-se lá os politicos como se quiserem chamar. O que nós temos sentido tem sido, sempre, governo conservadores, ferozmente apoiados na força pública, e ajudando a enriquecer a burguesia em detrimento dos trabalhadores.

E tão verdade isto é que, ultimamente, só porque o governo José Domingos dos Santos esboçou — só teoricamente, note-se — alguma consideração pelos operários, logo aquele governo foi derrubado por parte dos seus próprios partidários!

Repetimos, a república tem sido sempre conservadora. E se o tem sido, a que vem a propaganda de Mussolini ou de qualquer ditador?

Então, depois de todos os novos ricos nos explorarem, depois da nova e velha burguesia enriquecer e gosar à custa da miséria do povo, ainda nos querem impôr um Mussolini que nos impeça de protestar?

Reacção, neste momento, em Portugal, só é legitima uma: a dos explorados contra os exploradores. Não nos parecem os conservadores os portadores mais idoneos para essa reacção, visto que se abraçam e confundem com as «forças vivas».

Essa reacção, no momento oportuno, tem de ser obra dos próprios trabalhadores. E descansem, que nesse momento, tamanha será a força da nossa razão, que ninguém detêrá os nossos passos. Foi assim em todos os tempos.

Quanto ao fascismo de O Seculo, sempre é bom irmos sabendo quem são os nossos amigos...

Uma grande explosão de petróleo

NEW YORK, 9.—Deu-se uma grande explosão num depósito de petróleo próximo desta cidade, seguido de um pavoroso incêndio que destruiu algumas casas e produziu dez mortos e bastantes feridos.—(L)

Semana da criança

A Comissão Central de Propaganda e Organização da Semana da Criança está procedendo activamente à constituição das comissões locais de realização da Semana, tendo para este fim expedido circulares a todas as Juntas Escolares e Câmaras Municipais do país.

A Comissão Organizadora da Semana da Criança na capital deve reunir nos primeiros dias desta semana.

A comissão central organizará comissões especiais, que já estão funcionando, para levarem a efeito certos trabalhos de interesse geral para a Semana, como os concursos de brinquedos e films educativos.

Toda a correspondência para a Comissão Central da Semana, enquanto se não instalar uma dependência da Câmara Municipal da Lisboa, como espera, deve ser dirigida para a sede da Universidade Livre, Praça Luís de Camões, 40, 2.ª, Lisboa.

A carris do Porto contra os anualistas

A soberania do Severiano continua a acentuar-se, vexando o público

PORTO, 8. — Cumprido-se o prometido pela autoridade superior do distrito: os carris circularam sem a guarda republicana nas plataformas. Apenas, pelas ruas, se viam algumas patrulhas.

O número dos carris foi, porém, sensivelmente reduzido, para maior pirraça aos anualistas. O serviço de Gaia não foi feito, como de costume, da praça da Liberdade às Devesas e Santo Ovídio. Chegadas, destas localidades, à entrada da ponte do lado da vila, os carris viravam o trolley e seguiam para os mesmos pontos de partida.

De manhã, houve mais tranquilidade, mas para a tarde reeditaram-se as mesmas peripécias anteriores. Apesar da chuva, a praça da Liberdade esteve concorridíssima de gente, dando-se incidentes vários.

O "Soberano" — agora o Severiano foi baptizado pelo público com aquele pomposo título — deu ordem para que saísse alguns carris com a indicação de reservado. Na praça, o público forçava a que essa indicação fosse retirada. Então, o pessoal recolheu o material à remisa para de novo voltar... reservado...

Como era domingo, os curiosos viam-se em maior número, sendo comentados diversamente os conflitos que se deram nos diversos pontos da cidade.

Segundo os anualistas, a Companhia traz gente assalariada para andar nos carris e protestar contra a entrada de qualquer portador de bilhete anual. Por este facto, foi afixado um placard da comissão dos anualistas, pedindo-lhes para que não discursem com os indivíduos pagos pelo "Soberano".

A partida do presidente do Município e demais vereadores no "rápido" para Lisboa, onde vão tratar do conflito existente, um numeroso grupo de anualistas fez, na gare, uma manifestação de simpatia à Câmara, erguendo-se vários vivas.

Não foi só a Companhia que requereu, judicialmente, a dissolução da Câmara. Fê-lo, igualmente, o sr. Raúl Queirós, gravador da rua do Sol.

A Câmara, porém, declara não se intimidar com a acção de dissolução que a Companhia ontem propôs em juízo, porque não se sente colada às cadeiras municipais, por aqueles interesses que prendem os administradores da Carris, odiados por uma cidade inteira à sua administração. E como resposta àquela acção, a Câmara instaurou uma acção de anulação do suposto, acórdão arbitral e vai instaurar outro de rescisão do contrato: «há-de ver anulação do acórdão e rescisão do contrato, por muito que isso lhe pese» — diz a Câmara à Companhia, com ar de desafio.

Contudo, a Carris teve hoje os seus escritórios abertos para quem quizesse ir tirar anuais, havendo, segundo umas afirmações, quem lá acorresse, furando o movimento.

Quanto à atitude do pessoal, que continua a ser censurado, a própria comissão administrativa da Liga das Artes de Viação «lamentava que camaradas nossos se excedessem um pouco em harmonia com as resoluções aprovadas na sua Associação de Classe, pois que este organismo, tanto no princípio, como na actualidade, continua indiferente a esta questão respeitante aos anualistas».

Enfim, a cidade continua a ser animada por esta paródia da Carris-Câmara-anualistas...

Hoje o serviço da Carris terminou ainda com muito dia: às 18 horas tudo paralisado.

PORTO, 9. — Hoje, ao contrário do que se esperava, o dia correu quase normalmente: apenas se deram uns ligeiros incidentes sem importância de maior.

Conflito resolvido? Como?

Diz-se que a Companhia reconhece os bilhetes da Câmara desde que os seus possuidores depositem mais 100000 nas mãos... do Severiano. A maioria dos anualistas procederiam assim, cansados da esterilidade da luta?

Há quem o afirme, embora também haja quem assevere que se chegou a este acórdão: deixar transitar os anualistas até receberem o seu dinheiro entregue à Câmara. Ao certo não se sabe a razão d'este balde de água fria deitado na efervescência de ontem.

O que, porém, é certo é que os cabos de polícia têm feito de expedidores. Daí talvez o motivo dos anualistas da Câmara — porque também os há da Carris — andarem mais livresmente... por ordem da autoridade; o aparato da guarda já não se vê.

Aos coleccionadores

Le o Suplemento "A Batalha"

Previnem-se os coleccionadores do suplemento semanal de *A Batalha* que se está preparando umas capas artísticas e um índice que veio melhorar consideravelmente esta preciosa edição.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem pedir já fazer as suas requisições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também colecções do 1.º ano para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optativamente encadernado em percalina, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta das centenas de fórmulas e receitas, e de variadíssimas colaborações com centenas de gravuras.

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — às 21 h. (9 da noite) — HOJE
2.ª apresentação dos célebres
matinistas cómicos
The Web and Reed
que ontem obtiveram um extraordinário
sucesso
Os mais surpreendentes trabalhos da
Nova Companhia de Circo
As maiores novidades e atracções mundiais
Quinta-feira — GRANDIOSA "MATINÉE"
Café do Coliseu
O Café do Coliseu é o melhor
e mais cómodo de Lisboa.
Concerto todos os dias à tarde e à noite

PROPAGANDA SINDICAL

Os condutores de carroças realizam uma sessão em Alcântara

Como estava anunciado, realizou-se no passado domingo, no Centro Socialista de Alcântara, uma reunião dos condutores de carroças, tendo uma grandiosa concorrência. Presidiu António Ribeiro, secretário do por Justino dos Santos Pereira e Américo da Silva Ladeira. O presidente, depois de abrir a sessão, demonstrou qual o fim da mesma dizendo que para os assuntos que se vão tratar é necessário que todos os presentes se manifestem com aquela correcção que todos nós desejamos.

José Gomes diz que se sente a necessidade de todos os camaradas se unirem para, em regime de regalias, a que têm jus. Refere-se, com palavras de reprovação, à forma com a qual se tem mantido perante a sua situação, parecendo por vezes que os mesmos se não interessam pelas suas sagradas regalias. Em seguida refere-se às constantes perseguições de que a classe tem sido vítima por parte da polícia. Refere-se também às matriculas, dizendo que a Câmara, ao teimarem em passar matriculas a indivíduos que não têm as necessárias habilitações, só prejudica os interesses desta classe.

Manuel Soares refere-se também às pesadas multas que estão sobrecarregando a classe. Historiando o que se passa com alguns camaradas que têm sido vítimas de situações que considera deprimente e atentatória da dignidade profissional.

A polícia em certas ocasiões tem procedido de tal forma, que se verificou o ódio e a perseguição que pretende fazer a uma classe que só quer trabalhar.

Jaime Tiago, delegado da U. S. O., junto dos condutores de carroças, começa por se referir à presente organização da classe dos condutores de carroças, dizendo que se esta situação se mantém, é só por culpa dos mesmos operários que não têm sabido marcar, como era o seu dever, uma atitude que vincasse a revolta que os mesmos sentem por tanta perseguição. E' facto que o procedimento das autoridades, conforme alguns camaradas afirmaram, tem sido menos correcto, mas os operários nada têm a esperar das autoridades se não vitórias, pois que à sua frente se encontra um indivíduo que tem um odio profundo a classe operária. Em seguida refere-se às pretensões das chamadas "forças vivas", dizendo que todos os que trabalham devem neste momento unirem-se para se opor aos seus desígnios. Analisa o que são as intenções da chamada U. I. E., dizendo que ante as suas ambições, e por entre as suas arremetidas, só resta um caminho à classe operária: é opor-se por todos os meios ao seu alcance para que não vão por diante os seus intentos.

Em seguida o camarada Agostinho, descreve a traça larga o que tem sido a organização dos condutores de carroças, terminando por aconselhar os presentes a organizarem-se convenientemente, para assim vencerem todos os obstáculos. Azevedo diz que todos os condutores devem fazer a máxima propaganda junto dos seus camaradas e nas praças e cocheiras, para que olhem como devem a sua organização, pois que só assim conseguirão vencer todos os grandes sacrificios. E' lida uma moção, para que seja dado todo o apoio ao sindicato a fim de efectivar todos os assuntos que tem em vista e para que nesta reunião sejam nomeados 3 delegados para, juntamente com a comissão administrativa do sindicato e mais delegados que devem ser nomeados na área do Poço do Bispo, estudem como devem a questão da perseguição à classe e apresentem as suas reclamações ao governador civil e à Câmara Municipal.

Esta moção é aprovada e nomeados Justino dos Santos Pereira, Américo da Silva Ladeira e Augusto Coelho. Em seguida é concedida a palavra ao camarada João Caldeira que abordou várias considerações sobre a organização dos condutores de carroças, referindo-se aos grandes movimentos que esta classe outrora teve, dizendo que é necessário que todos os camaradas saibam compreender o seu dever para assim serem convertidas em realidade as suas reclamações.

Jaime Tiago volta a falar para aclarar alguns pontos que julga de maior interesse, entre eles os que se referem às matriculas, dizendo que ele já fizera parte duma comissão que foi à Câmara Municipal tratar deste assunto, e que se hoje não existe o delegado da classe dentro da Albergaria, a fiscalizar os exames, é porque, se tem notado da parte da Câmara uma má vontade e não porque a associação tenha descuidado o assunto.

Em seguida o presidente encerra a sessão sendo levantados vivos à C. G. T., à *A Batalha*, U. S. O. e abaixo às oligarquias financeiras.

Em Quarteira

QUARTEIRA, 5. — Com regular concorrência de pescadores, realizou-se, nesta localidade, uma sessão de propaganda sindical. Usou da palavra Manuel Rodrigues, delegado da Federação Marítima, que expôs os fins da organização e relatou a maneira alvina como os pescadores de Olhão se mantêm em luta há longas semanas. Apeleu para que os pescadores desta localidade não vão para Olhão atraídos o movimento, e aconselhou todos os presentes a sindicarem-se para que a organização dos pescadores possa ser em facto.

Em seguida José Amarello, pescador de Olhão, em linguagem sobria mas sincera, expôs a situação deprimente a que estão sujeitos os pescadores da costa do Algarve.

A sessão terminou com vivos aos pescadores, C. G. T. e Federação Marítima. No final inscreveram-se como socios do sindicato mais de 60 camaradas.

Nota interessante: A esta sessão assistiram muitas mulheres, que foram as primeiras a encorajar os maridos a confiarem apenas no Sindicato.

Quando compareceu uma patrulha da guarda republicana para dispersar a multidão as mulheres afirmaram altivamente a sua repulsa pela guarda. Bom sintoma que frutificará; estamos certos... E.

NINHO DE ÁGUIAS
Este drama, cujo ressurgimento no repertório da Companhia Lucília Simões se impunha, foi ontem, em São Carlos, ouvido com gerais aplausos, tendo tido a grande artista Lucília Simões, a sua entrada em scena, uma calorosa manifestação; nos finais do acto houve chamadas especiais a Lucília, Erico Braga, autor, etc., etc.

EM COIMBRA

Uma conferência comunista... que termina em sessão de propaganda anarco-sindicalista

COIMBRA, 6. — Promovida pela *Comuna* de Coimbra, uma das células do Partido Comunista Português e que de vez em quando, ou melhor, de seis em seis meses, bota a mão na obra, realizou-se na terça-feira da passada semana uma conferência de propaganda comunista — cujo conferente devia ser Carlos Ratos — em que foi orador António Monteiro.

Anunciada para as 19 horas, só teve começo pelas 20.30, presidindo Gaudêncio Cardoso e secretariado David da Cruz e António Rodrigues — elemento filiado nos partidos comunista e radical (l).

Depois do conferente, que não apresentou o programa do partido em face da actual desorganização social, mas simplesmente fez diversas considerações sobre a forma como a revolução russa é interpretada e compreendida em Portugal, fez uso da palavra o professor Almeida Costa, que obteve algumas das considerações expostas pelo conferente, mormente no que se referia às perseguições aos avançados e ainda aos objectivos do respectivo partido comunista, que, segundo Carlos Ratos, tem por finalidade a ditadura. Porém, António Monteiro combatu-a — ficando assim o público que assistia — que aliás era em regular quantidade — sem saber o que fazer em face do mesmo, tendo, a nós, por, pelas palmas e ovação a Almeida Costa, optado pelas suas considerações em defesa das doutrinas anarquista e sindicalista, para consecução da revolução social emancipadora.

No final houve vivos à C. G. T., à *A Batalha*, etc., e morras à ditadura — C.

O epílogo duma acção de despejo contra o Ateneu Comercial

COIMBRA, 7. — Referimos há dias que a classe dos empregados no comércio desta cidade estava excitada porque contra a sua associação tinha sido movida uma acção de despejo pelo senhorio sr. João Vieira Lima que para conseguir vencer não tivera pena de dar como seu valor uns recibos de renda assinados pelo filho. Entretanto, dissemos também, reunia em assembleia magna e nomeava uma comissão dirigente dum movimento contra tal pretensão do senhorio, pois não se lhe devia nada como ele alegava, dando em resultado que, após dois manifestos e outras tantas assembleias magnas que decorreram agitadíssimas, o senhorio "reconsiderou" e mandou chamar a uma entrevista a direcção da respectiva associação, tendo-se chegado a um acordo, mediante novo arrendamento que... subiu de 13500 mensais para 35000!

Como os leitores vêem o aumento foi insignificante, sendo pena que os dirigentes dessa colectividade não tivessem "batido o pé", pois o homem não tinha gosto nenhum em ver o filho sentado no banco dos réus em virtude de ter assinado recibos sem procuração...

Mas... que fazer, se a classe e em especial os seus actuais dirigentes, dizem que são de "disciplina" e que a ela se "honram de pertencer"... C.

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Visitas e excursões de estudo

Academia de Estudos Livres

Esta instituição vai iniciar brevemente uma nova série de visitas e excursões de estudos, dirigidas por pessoas competentes, no género das que em outros tempos e com brilhante êxito proporcionou aos seus socios. As primeiras a realizar serão: a Manutenção Militar, à Imprensa Nacional, às instalações eléctricas das Companhias Reunidas, Gaz e Electricidade e à Escola Agrícola de Paia. A estas se seguirão outras a edifícios, monumentos, museus e estabelecimentos industriais. Também está sendo estudado o plano de uma excursão para a Lisboa, a uma das cidades do nosso país, notável pelos seus monumentos e belezas naturais.

MOLA REAL

Continua marcando um sucesso enorme esta revista; os encontros são colossais e o público sai de lá satisfecho depois de ter lido a noite. Quarta-feira, 11: estreia do novo quadro intitulado: A DANSA DAS LIBELULAS.

Cinema Gil Vicente
(À GRAÇA)
HOJE SOIRÉE ÀS 20 HORAS HOJE
Programa surpreendente
Journal des Comtes n.º 242 — 1.ª Parte
Mitos de arminho. 2.ª Episódio. Caya ao homem — 3.ª Parte. Episódio. Para servir a justiça — 4.ª Parte.
Comunicação interrompida, drama de aventuras, por Percy Pembroke — 5.ª Parte.
It's orders, por Baby Peggy — 6.ª Parte.
30 % de desconto aos socios da Caixa Económica Operária, Voz do Operário e assinantes do jornal "O Exercício".
QUINTA-FEIRA, 12 — Soirée elegante
ESTREIA
HISTÓRIA DUMA MULHER
drama emocionante, por Dina Menichelli

TEATRO NACIONAL
HOJE — HOJE
A BRILHANTÍSSIMA PEÇA
VIVETTE
Admirável encenação
de RAFAEL MARQUES
Deliciosos cenários, novos,
de MERGULHÃO, CAMPOS, OLIVEIRA
e BALTAZAR RODRIGUES
Explêndida interpretação

Contra o movimento das "forças vivas"

Nos marítimos de Portimão

PORTIMÃO, 6. — Com a presença das camaradas Manuel Rodrigues e Luis Verissimo realizou-se nesta cidade uma sessão de protesto contra as forças económicas e crise de trabalho. A sessão efectuou-se no Sindicato dos Fragateiros, estando bastante concorrida por marítimos. Manuel Rodrigues, delegado da Federação, combate a organização das chamadas "forças vivas".

Verissimo espraia-se em várias considerações e explica a razão porque a federação mantém no Algarve uma missão de propaganda.

O professor José Negrão Buizel, com larga cópia de argumentos, expõe a situação que se atravessa apelando para que todos os trabalhadores se unam em volta dos seus sindicatos, sendo muito aplaudido. A sessão terminou com vivos à F. M., C. G. T. e à *Batalha*.

Movimento Nacional de Educação

A comissão eleita na sessão de carácter pedagógico e popular promovida pela Associação de Professores de Portugal, em agosto último, após o seu "congresso" realizado na Sociedade de Geografia, vai fazer uma sessão idêntica que terá lugar na Sala Algarve, da mesma Sociedade, no próximo dia 13, pelas 21 horas, a fim de dar conta dos trabalhos que realizou no sentido de se levar a efeito um movimento de opinião pública a favor duma vasta e profunda reforma de educação, como base do ressurgimento nacional.

Presidência pelo reitor da Universidade de Lisboa, dr. sr. Pedro José da Cunha, esta sessão, além da apreciação dos trabalhos da referida comissão, visa o objectivo concreto da constituição de uma "Liga de Acção Educativa" que se estenderá a todo o país pela organização de núcleos de acção educativa.

Os bilhetes para esta sessão, além dos locais, fornecem-se desde já na União dos Professores Primários, na rua Nova da Trindade, 94 e no Quiosque Sanches, Praça dos Restauradores.

Indústria da pesca nas colónias

Estão quasi concluídos os trabalhos oceanográficos entre Ponta do Ouro e a Foz do Limpopo; agora está se procedendo ao reconhecimento oceanográfico, no Banco de Sôfala, onde mais convém à indústria da pesca intensiva.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Libertário Facho Vermelho.

Reúne hoje, pelas 20 horas, para assuntos urgentes no local do costume.

OS QUE MORREM

Carlos José das Dóres

Faleceu ontem o sr. Carlos José das Dóres, funcionário público há cerca de 40 anos.

O extinto desempenhava actualmente as funções de continuado do Liceu de Passos Manuel, onde era estimado por todos os seus superiores, colegas e alunos.

O seu funeral realizou-se hoje, às 14 horas, saindo o préstito fúnebre da rua da Páscoa, 81, 3.º.

Um grupo de colegas do falecido solicita a comparecência do pessoal menor dos liceus no funeral.

IMPRENSA

"Correio da Noite"

A polícia apreendeu no sábado o *Correio da Noite*, tendo em vários pontos da cidade sido espancados alguns distribuidores daquele jornal.

"Vida Académica"

Por toda esta semana reaparece este quinquenal académico, completamente remodelado. O número a sair inserirá um artigo do dr. sr. Agostinho Fortes sobre a vida e obra do escritor Fialho de Almeida.

TEATRO APOLO
HOJE a folguedo revista
MOLA REAL
AMANHÃ, 11 de Março
Estreia do novo quadro intitulado:
A DANSA DAS LIBELULAS

VIVETTE
Admirável encenação
de RAFAEL MARQUES
Deliciosos cenários, novos,
de MERGULHÃO, CAMPOS, OLIVEIRA
e BALTAZAR RODRIGUES
Explêndida interpretação

DESPORTOS

Lisboa vence, em condições especiais, o Porto por 8-3

Pelo elevado número de 8 bolas contra 3, registou-se no domingo, no Campo do Coval, mais uma vitória da *équipe* representativa de Lisboa sobre a do Porto. Luta assinalada por coisas desagradáveis que tiveram seu início com a inutilização de Siska, guarda-redes do Porto que, mergulhando a uma bola, conduziu por J. Gonçalves, fracturou uma clavícula tendo sido retirado do campo e levado para a Misericórdia onde ficou em tratamento e por se ter oposto o capitão da linha lisboense, invocando os regulamentos, à sua substituição por Casoto.

O Porto, perante este fatal acontecimento, ficou em condições de inferioridade, modificando-se, a fisionomia do encontro que deixou, desde então, de ser uma manifestação desportiva, educadora e emotiva para se transformar, dentro, e especialmente fora, do rectângulo do jogo, em uma luta de feras, insultando-se e agredindo-se, o que deu ocasião a incidentes bem lamentáveis, originando um triste espectáculo que o sr. Rui Gonçalves classificou e muito bem, como a página mais negra do futebol português!

Verdade seja que Lisboa venceu por 8 a 3, mas não triunfou, porquanto, em nosso entender, foi muito impolítica a atitude do capitão da *équipe* lisboense recusando a entrada de Casoto, dando ao Porto a impressão de que assim procedem por receio de uma derrota. Foi um encontro em que ambos saíram vencidos: O Porto, materialmente, com as oito bolas; Lisboa, moralmente, abatida e desgostosa, com a atitude ostensiva do público.

Algarve vence a selecção de Lisboa por 3-2

Confirmaram-se os nossos prognósticos quanto a este encontro, conseguindo o Algarve vencer a linha representativa da capital. Embora as notícias, directamente dali enviadas, sejam unânimes em afirmar a parcialidade do árbitro do encontro, sr. Rogério Pires, beneficiando claramente a *équipe* do Algarve o que é certo é que não nega também a pouca eficácia no remate da linha avançada lisboense, que só nos últimos dez minutos de jogo conseguiu marcar, quando já os algarvios registavam um 3-0, transformando num esforço desesperado o marcador para 3-2. E' feliz o Algarve com o resultado conseguido no seu primeiro ano, pois no encontro efectuado em Lisboa já nos deixou antever que se não triunfaria na segunda volta, muito custosa seria a tarefa para o vencer.

União dos Empregados Barbeiros de Lisboa

Constituiu-se este grupo desportivo da classe dos barbeiros que conta grande número de adesões para a prática de futebol e desportos atléticos.

A inscrição continua aberta para todos os componentes da classe que sejam sindicalizados.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25000. Extracções sem dor, a 10000. Consulta especial das 10 a 11. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

GREVE FERROVIÁRIA

ATENAS, 9. — Foi declarada a greve ferroviária em toda a Grécia. — (L.)

CONFERÊNCIAS

"A posse da propriedade" por Teixeira Barbosa

SANTAREM, 3. — No Grémio R. Operário, realizou uma conferência o nosso camarada Teixeira Barbosa. Abordou *A posse da propriedade* e encareceu a necessidade do desenvolvimento da instrução dentro dos sindicatos. Referiu-se às vantagens da organização, salientando o progresso do operariado desde o Congresso de Tomar, ao qual alude largamente. — C.

Sociais e retrogrados

Na rua do Bemfornoso, 150, 1.º, realiza-se amanhã, às 21 horas, uma palestra pública discutindo a situação política dos sociais em face dos retrogrados em frente única sob a chefia do sr. Cunha Leal.

VIVETTE

A soberba interpretação que tem esta peça no Nacional, os seus soberbos diálogos, as "toilettes" elegantíssimas, a beleza dos cenários, a marcação e encenação de Rafael Marques, tudo concorreu para o êxito obtido, daí os aplausos unânimes do público.

Agremiações várias

Centro Comunista Libertário do Porto. — Para tratar dum assunto da máxima urgência, da resolução do qual depende a existência deste organismo, reúne amanhã a assembleia geral, pelas 21 horas.

Revolucionários Sociais de Campo de Ourique. — Reúnem hoje no local n.º 4.

Caixa Económica Operária. — Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral para apresentação do relatório da gerência transaccção, discussão da reforma de estatutos e preenchimento de cargos vagos.

Comissão de Beneficência 20 de Abril. — Reúne hoje, pelas 21.30, na sede da Associação do Registro Civil, a fim de dar começo aos seus trabalhos no presente ano.

Teatro São Carlos
HOJE
a admirável
peça
de
C. Selvagem
representada com sucesso
em Espanha, Lisboa e Porto
Encenação da professora
LUCILIA SIMÕES
Protagonista
LUCILIA SIMÕES
Nos principais papéis, LUCILIA SIMÕES,
ERICO BRAGA, DORSENE LUZ e S. DINIZ

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Maria Vitória

"O sonho dourado" de Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes

"O sonho dourado", de Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes, é uma revista-mágica recheada de bons ditos e que se vê com agrado. A empresa da Maria Vitória entendeu, e achamos que fez bem, repô-la mais ou menos modificada consoante a necessidade de actualização de algumas das suas passagens.

Posto em scena com um certo rigor indumentário, "O sonho dourado" teve ainda a favorê-lo o bom desempenho de Laura Costa, Carlos Leal, Jorge Roldão e dos outros artistas que, dentro da responsabilidade dos seus papéis, lhe deram o melhor quinhão das suas aptidões. E' peça para se manter.

Na Liga Naval

Os modernos italianos na música vocal

Na excelente cruzada de revelação artística em que anda empenhada a distinta musicóloga Ema dos Santos Fonseca, de-nos agora esta senhora mais um recital de música em que a assistência nem sempre manteve aquela delicadeza natural de ouvir em silêncio, como merecia a bem ordenada e erudita conferência de Gastão de Bettencourt sobre música moderna italiana, no campo vocal. Tenho notado que nestes aglomerados de gente em que predominam as pessoas bem vestidas, a atenção ao que se ouve é muito pouca, o que nos leva a afirmar que o snobismo de certos assistentes não é tão bem desempenhado quanto não traia o artifício de que se revestem e porventura a grosseria de quem de fino só usa a indumentária. Se em lósses conferente teria castigado como tinham jus os graúbas de ambos os sexos que enchiam a sala consoante aquela onde o seio de arte se realizava.

A conferência de Gastão de Bettencourt é um trabalho consciencioso de investigação bibliográfica crítica que honrando o seu autor deu ocasião a que os ouvintes saíssem enlevados com ela.

Na exemplificação das características musicais dos compositores constantes do programa, salientaram-se brilhantemente Ema Fonseca, Marino Dewander Gabriel, Mário Alarcão e Alfredo Cavalheiro, que cantaram com uma bela intenção Orffice, Sinigaglia, Zanella, Alfano, Respighi, Toscanini, Pratelli, Pizzetti, Malipiero, Zandonai, Santoliquido, Casella, Gui, Davico e Castel-nuovo-Tedesco.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Viana da Mota

Viana da Mota continua a ser a atracção forte dum público que ama as suas qualidades de pianista e para quem, com razão, as suas enormes faculdades de executante não emmoerem, antes chegam a parecer mais aperfeiçoadas como sentimento e como técnica.

Duas páginas admiráveis couberam agora ao grande pianista para que ele mais uma vez demonstrasse o seu soberbo talento: a sinfonia sobre motivos montanhizes de Vincent d'Indy e o concerto em sol menor de Mendelssohn. Tem o primeiro uma característica especial de rusticidade melódica que Viana da Mota achou magistralmente, dando-lhe toda a cor campestre que ela tem. O concerto de Mendelssohn, inteiramente diferente no seu lirismo espontâneo, dum grande ternura de contorno, tem em Viana da Mota uma interpretação extraordinária de tonalidades e de movimento.

Tanto, em Mendelssohn como em d'Indy, a orquestra acompanhou o pianista muito bem.

A primeira parte do concerto constava de músicas populares portuguesas, uma rapódia transmontana de Manuel Ribeiro e uma suite alentejana de Luis Freitas Branco, que foram muito aplaudidas.

Festas artísticas

José Vitor desempenha pela primeira vez em Lisboa, na encantadora opereta de Franz Lehar *"A Viúva Alegre"*, que na noite de sábado próximo no São Luís, em recita do actor Carlos Viana, o engraçado papel de "Niégus".

Na opereta *"O Rato de Hotel"* que subirá à scena no São Luís, em festa artística da actriz Augusta de Oliveira, na noite de 18 do corrente, os actores Carlos Viana, José Vitor e Sebastião Ribeiro desempenham respectivamente os papéis de "Verissimo", "Setas" (fonte de polícia) e de "Gerente do Hotel".

— A recita anunciada para a noite de hoje no São Luís, em benefício do fiscal do Anid. Para que J. J. Oliveira, fica transferida para a noite de sexta-feira próxima representando-se a opereta *"Fraskutas"* notável trabalho da graciosa actriz Augusta de Oliveira, tendo os bilhetes com a data de hoje entrada nessa noite.

Notícias

Teve ontem enorme concorrência o teatro de São Carlos, onde o público fez a mais entusiástica das recepções à actriz Lucinda Simões, que magistralmente representou na peça de Carlos Selvagem, *"Ninho de Águias"*. Lucília Simões tem, também, nesta peça, um trabalho soberbo, em tudo digno do seu privilegiado talento.

Estreiou-se ontem no Coliseu dos Recreios um número de patinagem sério-cómico que agradou plenamente, tendo sido vivamente aplaudido. O artista cómico recorta com engraçadas intervenções o verdadeiro, elegante e grande trabalho do seu companheiro. A sexta e prolongada pirueta final sobre um pequeníssimo estrado é colossais.

Reclames

Além da magistral criação, do comovedor trabalho de Lida Sistiemi do correcto e brilhante desempenho de Grêmida de Oliveira e da grandiosidade e vivacidade com que Albertina de Oliveira compôs o seu tipo, também é para salientar o trabalho de Clemente Pinto, na *"Vivette"*, em scena no Nacional.

E' amanhã, que, com a estreia da actriz Maria Litaly, sobe à scena no teatro Apolo o novo quadro *"A dança das libelulas"* ampliando a interessante revista *"Mola Real"*.

Hoje não há espectáculo para montagem do sopo quadro.

Obtiveram um extraordinário sucesso os notáveis artistas The Web and Reed que ontem fizeram a sua estreia no Coliseu dos Recreios, executando um interessante número de patinagem cômica que o público aplaudiu com entusiasmo.

Francês sem mestre
por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 15000
Pelo correio 16550.
Pedidos à administração da *A Batalha*



Ferrovieiros do Minho e Douro

Aprovam o regulamento do Montepio Ferrovieiro e discutem outros assuntos de interesse corporativo

PORTO, 7.—A fim de se discutir o projecto de regulamento do Montepio Ferrovieiro e de se passar em Lisboa, efectuou-se uma assembleia geral extraordinária da União Ferrovieira do Porto, à qual presidiu António Augusto Moreira, que teve como secretários Carlos Guimarães e José Soares de Pinho.

António Bento Duarte, relator do projecto referido, lê o regulamento, depois de aludir a tão simpática iniciativa do Montepio.

João José dos Santos, Joaquim Vicente, Adriano Monteiro, Carlos Alberto Viana e António Pinto Fernandes fazem diferentes considerações defendendo a ideia do Montepio. Apresentam várias emendas e referem-se também à hora grave que se atravessa.

João Correia Figueiredo, José de Sousa Teixeira e outros manifestam a sua discordância com a criação daquela instituição anexada à U. F. V. O Sindicalismo não aceita o mutualismo no seu seio. Lamentam, pois, que a direcção da U. F. V. tivesse perseguido tal ideia.

Após Adriano Monteiro refutar os oradores anteriores, afirmando que o sindicalismo revolucionário não se impõe a que qualquer sindicato consiga benefícios para os seus associados, estabelece-se discussão animada e dialogada.

O relator do projecto continua a defender os seus pontos de vista, reaindo a discussão sobre o artigo 6.º, que cria duas categorias de subsídios.

Carlos Viana dá esclarecimentos sobre a forma como procedem os professores e empregados da Universidade do Porto: entre eles há simplesmente uma categoria de subsídios.

Por fim, o projecto é aprovado, bem como a seguinte moção apresentada por António Pinto Fernandes:

Considerando: que o Montepio da família ferroviária é uma necessidade, atendendo a que por morte de qualquer camarada a família do dito fica logo numa situação crítica e difícil;

que urge, desde já, dar todo o desenvolvimento e acção que forem precisos empregar pela União Ferrovieira ao Montepio, para que este seja um facto consumado no pagamento de Abril próximo, como determina o projecto de regulamento;

que a assembleia geral da classe, reunida na União Ferrovieira em 3 de Março corrente, discutiu e aprovou o seu projecto de regulamento apresentado pelo camarada António Bento Duarte, por o achar consistente com o seu modo de ver e, por consequência, dentro da lógica que regula estas instituições; resolve:

1.º que se nomeie, desde já, uma comissão de 9 membros, sendo um do inactivo, para dar cumprimento integral e de carácter oficial à criação do Montepio, dentro do prazo já determinado;

2.º que a União Ferrovieira preste à dita comissão todo o auxílio moral e material que a mesma necessite;

3.º que desta resolução seja dado conhecimento a todo o pessoal interessado, por meio duma circular impressa, onde, além de se demonstrar as vantagens e a necessidade do Montepio, se lhe peça a sua adesão e respectiva inscrição;

4.º que todos os sindicatos façam a maior propaganda possível a favor do Montepio da família ferroviária, a fim de que consiga a filiação de todos os ferroviários actualmente existentes nos caminhos de ferro do Minho e Douro, acabando-se, de futuro, com a miséria que dia a dia se está constatando;

5.º que seja dado um voto de louvor à comissão inicial do projecto, por o mesmo vir preencher uma lacuna ainda aberta na família ferroviária.

António Pinto Fernandes história detalhadamente o que foi tratado em Lisboa junto do administrador geral, relativo às promoções do pessoal, fundo de assistência, construção de casas, situação dos doentes, etc.

Adriano Monteiro corrobora as palavras daquele delegado, afirmando que os mentores da Associação do Pessoal Administrativo já estão a preparar o assalto, iludindo os incautos com a alegação de que não de conseguir as pretensões acima referidas. Esigmatiza o proceder dos tais dirigentes da Associação do Pessoal Administrativo: não possuem dignidade e é necessário pôr à prova a sua moralidade.

João Vicente traça a biografia de Raul Martins e inspector Ferreira, os quais, como colegas brigões, se constituíram em dirigentes dessa pseudosociedade.

Classifica-se de «amarela» o diz não ter outro fim senão desarmar a classe a favor dos seus mesquinhos interesses individuais. Reporta-se ao procedimento que eles tiveram a quando da greve dos 69 dias e entende ser necessária a publicação de um manifesto onde fique bem demonstrada a trilogia desses arautos estomacais. Mais tarde, a máscara há-de cair-lhes e os pobres incautos não de então ver, em toda a sua nudez, o rosto e a dentuza amarelada e pódre desses maquiavélicos dirigentes.

António Bragança e Francisco Pinto defendem, a todo o transe, a situação do pessoal eventual, exortando a classe a que não cruze os braços em atitude dominicana, deixando-se baloiçar à mercê das conveniências e miragens dos superiores.

O presidente da direcção explica o que esta resolveu para o engrandecimento da colectividade. António Pinto Fernandes refere-se à compra do retrato de Ferrer, de 2 pastas, do selo em branco, modificação da taboleta, etc.

Adriano Ferreira dos Santos apresenta uma proposta para a compra duma outra bandeira associativa e Francisco Pinto uma moção referente à situação das delegações de Viana e Régio, que se encontram numa lamentável apatia e sem direcções que dêem sinal de si.

Aprovados estes documentos, Adriano Monteiro exorta o pessoal a unir-se e solicita a cedência das salas da U. F. V., a fim de realizar umas palestras sobre as bases em que assenta o sindicalismo e o problema moral que é preciso desenvolver.

Fra uma hora da madrugada quando se encerra a assembleia.—C.

AS GREVES

A dos barqueiros de Faro prossegue sem defeições

FARO, 5.—O movimento grevista dos barqueiros prossegue sem defeições contra a Companhia Marítima, que, por sua vez, procura seccionar os grevistas sem que tal tenha conseguido.

Hoje realizou-se uma sessão dos grevistas, fazendo os delegados da Federação Marítima uma larga propaganda dos pontos de vista do organismo que representam em relação ao movimento em trânsito, propaganda que calou fundo nos grevistas, pois nela alcançaram muitos ensinamentos.

Ficou resolvido manter integralmente as tabelas existentes à data da declaração da greve.—E.

Numa sessão pública é exposta a atitude dos carregadores

FARO, 6.—Com a presença de dois delegados da Federação Marítima, reuniram os marítimos desta cidade para apreciar a tração dos carregadores em face do conflito dos barqueiros.

Manuel Rodrigues, da F. Marítima, expõe a tração dos barqueiros em relação a opinião de que os barqueiros não devem aceitar as propostas dos patrões, sem que estas sejam negociadas com o sindicato.

João Carvalhal, do mesmo organismo, salda os marítimos em greve, declarando que, embora ignore as suas causas, verificou no entanto que as pretensões dos carregadores visam especialmente envolver em questões pessoais os barqueiros para assim triunfarem. Pela união dos barqueiros está intimamente convencido que tal não conseguirá.

Vários camaradas barqueiros reforçam as opiniões dos oradores anteriores sobre os vários aspectos da greve.

Os delegados da Federação propõem, sendo aprovado, que se aguarde o chamamento dos barqueiros para se iniciarem as negociações.

Por último falou o camarada Joaquim Candeira, delegado da Federação Rural, que num brilhante discurso enalteceu o valor do sindicalismo revolucionário, terminando com algumas palavras de incentivo à greve dos barqueiros.—E.

Um "true" dos armadores de Olhão descoberto a tempo

OLHÃO, 5.—O conflito marítimo suscitado pelos armadores, encontra-se de momento a momento revestindo uma grandiosa importância moral. Os armadores—os verdadeiros culpados do conflito—têm jogado mão de todos os processos de luta, ainda os mais infames e nojentos para iludir a opinião pública, acerca da verdadeira causa do conflito. Esses processos têm chegado ao ponto de insinuar na imprensa, «Moca», que os marítimos não vão para o mar porque querem roubar, o que é justamente o contrário. Mas, como não tivessem logrado os seus intentos, arranjaram uma carta falsa, para demonstrar que os marítimos pretendiam assassinar o armador Lázaro. Tivemos ocasião de ver o subscrito dessa carta e verificamos ter sido ela escrita com a mão esquerda. E um «true» bastante indigno que só serve para comprometer o seu autor.—C.

Uma grandiosa sessão em que usaram da palavra delegados dos organismos centrais

OLHÃO, 5.—Com a presença de dois delegados da C. G. T. e Federação dos Trabalhadores Rurais realizou-se no dia 3 do corrente uma imponente sessão de propaganda em favor dos grevistas.

Manuel Rodrigues, da Federação Marítima, analisa minuciosamente as fases em que o conflito marítimo se encontra derivado à renitência dos armadores. Espira-se em várias considerações demonstrativas do valor da associação, terminando por aconselhar a classe marítima a não desanimar.

Jerônimo de Sousa, da C. G. T., não veio em missão especial à Olhão, mas sim veio satisfazer um pedido dos trabalhadores de fábricas de conservas de peixe, e para tal realizou teve que alterar o seu itinerário. Todavia reconhece que isso foi útil à organização, uma vez que vem falar a uma classe que se encontra em luta com o fim de acabar com o roubo, o que deveras honra toda a organização operária marítima.

O gesto dos grevistas, diz, é dos mais nobres que até à data se têm visto. De resto todos os outros trabalhadores, acusados de ladrões querem apenas acabar com o roubo. Devem os grevistas ser firmes, e que ninguém, absolutamente ninguém, cometa a baixaria de trair esta tão bela causa. Se houver alguém que cometa um tão monstruoso crime, que todos os marítimos lhe saibam dar o seu justo e merecido premio.

O orador foi constantemente apoiado terminando no meio de fortes aplausos e vivas à C. G. T.

Candeira, da Federação dos Trabalhadores Rurais, salda em nome dos camponeses do país todos os assistentes. Analisa minuciosamente a questão social, confrontando a vida opulenta do patronato com a dos operários. Vê com simpatia o movimento da classe marítima, estabelecendo nesta altura vários exemplos que demonstram que a classe marítima tem toda a razão por seu lado. O orador, que foi constantemente interrompido com estrondosos aplausos, termina com vivas a toda a organização operária.

Francisco Veríssimo, da Federação Marítima, apela para toda a classe para que se mantenha firme, não devendo nenhum marítimo ocorrer ao chamamento do patrão, e nem consentir que por si, alguém lhe dê o nome para a matrícula, só o devendo fazer quando o sindicato indicar.—C.

Tanoeiros de Gaia

Uma importantíssima assembleia para tratar do conflito na casa Cook, Burns & Smiths

VILA NOVA DE GAIA, 8.—Para apreciar o conflito com a casa Cook Burns & Smiths reuniram no Centro Guilherme Braga os operários tanoeiros, serradores mecânicos e trabalhadores dos armazéns de vinhos, enchendo-se por completo a sala. Usando da palavra, Mário de Carvalho

Crise de trabalho e baixa de salários

Na indústria da construção civil

Um grupo de operários da construção civil tratou ontem, mais uma vez, com o sr. ministro do comércio, da colocação de operários sem trabalho. Foram indicados ao sr. Ferreira de Simas vários pontos do país onde esses desempregados podem ser colocados, por ali haver obras a realizar.

O operariado de Santarém em face da crise

SANTARÉM, 6.—A direcção do Gremio R. Operário, perfilhou os trabalhos iniciados pela comissão pró-debelamento da crise nesta cidade.

Nesse sentido realizou hoje uma reunião magna do proletariado, onde foi discutida e aprovada uma moção a entregar à Câmara Municipal, a fim de dar realização aos trabalhos apontados numa representação entregue há tempo à Câmara e ao ministro do Trabalho, por intermédio do governador civil.

Foi resolvido manter-se o operariado em sessão permanente, até algo ser conseguido.—C.

Os rurais de Moura ocupam-se da falta de trabalho

MOURA, 4.—Reuniu ante-onde a assembleia geral dos trabalhadores rurais, resolvendo nomear uma comissão para conferenciar com o delegado do governo a fim de se tratar de assegurar o abastecimento de farinhas durante o ano, equilibrando o preço da mesma com o salário mínimo, e tratar, junto da câmara e proprietários, de procurar atenuar a crise de trabalho.

Tendo ficado suspensa a assembleia, reuniu ontem, usando da palavra Alvaro M. Fialho, que deu conta do facto do sr. Figueiredo ter oferecido 1.000\$00 para serem distribuídos aos sócios mais necessitados da Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais, facto que deu origem à convocação desta assembleia, aclarando-se ter congratulou-se pela forma como os operários em greve corresponderam ao apelo do seu sindicato e demonstra o valor do sindicato e da solidariedade operária.

Alfredo Ferreira Soares, da comissão de «demarques», dá conta dos trabalhos realizados e refere a necessidade de ser prestada a solidariedade aos grevistas.

João do Carmo, delegado da C. G. T., congratula-se por assistir, como delegado da central dos sindicatos, a uma reunião tão importante. (Estavam presentes perto de 2.000 operários). Combate o trabalho de empreitada por não dignificar quem o aceita. Porque os tanoeiros o reconheceram lançaram-se na luta contra um industrial que pretende escravizá-los. Nenhum tanoeiro irá atiraço a sua própria causa, que é a da sua classe, tanto mais que as suas reclamações são justas, embora a firma Cook, Burns & Smiths pretenda negá-lo.

Os industriais têm a força armada a seu lado, os grevistas têm a solidariedade do proletariado organizado. A C. G. T. está ao lado dos trabalhadores em luta. E necessário, pois, que os tanoeiros saibam manter-se, pois que só sendo enérgicos poderão vencer. Fala do que vale a organização operária e a solidariedade, sendo no final muito aplaudido.

António J. dos Reis, da Federação de Tanoaria e Anexos, mostra a necessidade de toda a classe se solidarizar com os grevistas, indo até à greve geral se tanto for necessário.

Manuel Adegas lê uma moção pela qual as classes dos tanoeiros, serradores mecânicos e trabalhadores de armazéns de vinhos resolvem:

«Proclamar a greve geral em princípio, dando liberdade ao comité para actuar conforme as necessidades do momento»;

«Prestar toda a solidariedade material indispensável aos grevistas enquanto não for realizada a primeira conclusão»;

«Saúdar o comité secreto dando-lhe toda a sua confiança».

Esta moção foi aprovada entre grandes aplausos e vivas à greve, C. G. T., etc.

Artur Marques apela para o cumprimento dos seus deveres por parte das classes interessadas no movimento.

José Ribeiro, dos Trabalhadores de Armazéns de Vinhos, demonstra a necessidade de estes se manterem solidários com as restantes classes.

Francisco de Sá insurge-se contra os que praticam a solidariedade com o critério de quem dá a esmola.

Foi dada a palavra a David J. de Oliveira, metalúrgico, que ataca o trabalho de empreitada e exorta os tanoeiros em greve a prosseguirem na luta até que justiça lhes seja feita.

Foi lida uma entusiástica saudação do representante de A. Batalha, aos operários em luta, que foi recebida com uma salva de palmas e com vivas à A. Batalha.

Usa de novo da palavra J. do Carmo, mostrando-se completamente satisfeito pela maneira grandiosa como a assembleia decorreu, aconselhando todos a cumprirem o seu dever.

A sessão foi encerrada aos vivas à greve, A. Batalha, Federação de Tanoaria, etc.—C.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado tratou novamente, no passado domingo, com o operário Lino Leandro, preso na Penitenciária, do auxílio que este deve receber dos trabalhadores das fábricas de Setúbal.

Igualmente o Secretariado se avistou com o dr. Lino Gameiro, delegado do governo junto da Assistência Pública, ocupando-se da situação de duas filhas do operário Francisco Gonçalves, corticeiro, morto em Silves, como dizemos noutro lugar.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, os advogados drs. Sobral de Campos e Campos Lima dão consultas jurídicas a todos os operários confederados que delas necessitem, tendo para isso que apresentar as respectivas cadernetas em dia.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

vido um mal-entendido entre o sr. Figueiredo e a Associação.

Leu-se depois a resposta dada pelo delegado do governo à comissão nomeada para tratar da crise de trabalho, na qual essa autoridade diz ter telegrafado ao governador civil pedindo providências e que vai promover uma reunião da Câmara e dos lavradores, aos quais exporá a situação angustiosa da classe rural, e que dará depois conta dos resultados.

João J. Sameiro, da C. Civil, diz ter pedido aos corpos administrativos do seu sindicato para promover uma reunião conjunta das duas classes para se ocuparem da crise de trabalho. Falou depois Carlos A. F. Rodrigues, também da C. Civil, referindo que os «forças vivas», sendo os principais causadores da crise de trabalho, andam hipocritamente pedindo à Câmara para atenuar, exortando todos a prosseguirem com as suas reclamações. A assembleia foi de novo suspensa até ao dia seguinte.—E.

Como a Câmara de Sintra resolve a crise de trabalho

SINTRA, 9.—A crise de trabalho nesta localidade mantém-se com um aspecto assustador, sem que as entidades a quem cumpria tratar por atenuar-la se tenham preocupado com o assunto.

O sindicato da construção civil há três meses que vem fazendo inauditos esforços por colocar inúmeros operários dessa indústria que se encontram desempregados, não tendo conseguido até hoje emprego senão para oito.

Ontem, com estranheza o constatamos, a Câmara Municipal despediu 6 operários, o que nos parece não ser a melhor forma de atenuar a crise de trabalho.

O motivo de despedimento cifra-se no facto de alguns deles, que trabalhavam no cemitério, não quererem trabalhar por empreitada.

Entretanto vai ficando por cumprir o famoso edital sobre beneficiação a prédios.—C.

Ecos da tragédia de Silves

As duas filhas do operário assassinado pela guarda republicana deram ontem entrada no Asilo D. Luís I

Ainda vive na memória do proletariado o bárbaro crime praticado em Silves pela guarda republicana, aos ordens do não menos bárbaro tenente Vínhas, e do qual foi vítima o operário corticeiro Francisco Gonçalves, que deixou na orfandade duas crianças menores.

A situação destas menores ficou à mercê do acaso, pois já os criminosos e os seus superiores hierárquicos pensaram naqueles entes.

O Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade, mercê dum filantrópico esforço, conseguiu, depois duma conferência com o dr. Lino Gameiro, delegado do governo junto da Assistência Pública, que as duas filhas de Francisco Gonçalves, uma de 6 anos e outra de 9, fossem internadas no Asilo de D. Luís I, ao Póço do Bispo, onde podem ser visitadas todos os domingos, das 15 às 17 horas.

O dr. Lino Gameiro entregou a um dos componentes do Secretariado as duas guias respectivas, dando ontem mesmo ali entrada as duas filhas do operário assassinado.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Reorganiza-se o Sindicato do Pessoal de Cargas e Descargas de Faro

FARO, 5.—Para tratarem da reorganização do seu sindicato, reuniram os estivadores e descarregadores de mar e terra, assistindo a esta reunião dois delegados da Federação Marítima.

Manuel Rodrigues, deste organismo, realizou uma interessante palestra sobre a função do Sindicato descrevendo a tração largos a missão do sindicalismo na luta social.

O orador explica a mecânica da organização sindical desde o sindicato à Internacional, sendo no final muito aplaudido.

A assembleia resolveu reorganizar o Sindicato dos Trabalhadores de Cargas e Descargas, organismo que na mesma reunião aderiu à Federação Marítima e C. G. T.—E.

Foi organizado o Sindicato do Pessoal das Cargas e Descargas de Olhão

OLHÃO, 6.—Os estivadores e descarregadores desta vila reuniram em sessão especial para tratarem da organização do seu sindicato.

Assistiu um delegado da Federação Marítima, Manuel Rodrigues, que largamente se ocupou da missão dos sindicatos na presente conjuntura, descrevendo o seu mecanismo.

Depois desenvolvendo o valor da solidariedade reporta-se à greve dos barqueiros de Faro, aconselhando os presentes a não carregarem cargas vindas de Faro.

Foi resolvido prestar todo o apoio aos grevistas, não se procedendo às cargas referidas.

Depois de lidos os estatutos, que foram aprovados, a assembleia resolveu que o novo organismo desse desde já a sua adesão à C. G. T. e F. Marítima.—E.

Associação de Socorros Mútuos «Santa André»

SEDE—Edifício do Templo (à Mouraria)

AVISO

Não se tendo realizado a 1.ª convocação da assembleia geral, desta Associação no dia 6 do corrente, foi esta transferida para o dia 14, reunindo com qualquer número às 21 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

1.º Eleição dos corpos gerentes para o ano 1925. 2.º Apresentação e votação do relatório de contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal relativo ao ano 1924.

Lisboa 7 de Março de 1925.—O presidente da mesa Francisco Ramos.

INTERESSES DE CLASSE

Descarregadores da Valsa do Carregado

E' necessário reagir contra os indivíduos que pretendem a queda do sindicato e a miséria dos seus filiados

VALA DO CARREGADO, 8.—Há algum tempo já que o sr. Silva, chefe dos cabos de polícia daqui, vem demonstrando pretender prejudicar os descarregadores e o seu sindicato. Sempre que um descarregador se vê desempregado por culpa do sr. Figo, ou de outro inimigo da organização, o sr. Silva canta a estafada ariá da liberdade de trabalho. Veio confirmar as suspeitas que havia o facto de ter sido chamado no dia 25 de fevereiro, segundo nos informam, pelo sr. Manuel R. Oliveira, empregado do sr. Coutinho, o qual depois duma larga conferência o encarregou de entregar uma carta ao Francisco Figo, declarando a este que o sr. Coutinho lhe entregava todas as cargas e descargas de mar e terra, e outra na Associação dos Descarregadores retirando-lhas. Em data anterior o sr. Abílio Salreu ordenou ao Silva que passasse uma busca a casa do Figo, ordem que aquele não cumpriu.

Ontem, quando os descarregadores associados tratavam com o sr. Pedro J. Ramalho, proprietário do barco I H 23, da descarga deste barco, apareceu o sr. Silva pretendendo defender os interesses do sr. Coutinho, a quem a carga era destinada, e a quem a descarga fosse feita pelos recrutados do Figo, chegando a ameaçar o Ramalho com a G. N. R.

Como o camarada Francisco Dias lhe observasse que ele, como autoridade, não tinha o direito de se tornar em advogado de um comerciante e de um indivíduo que só pretende prejudicar a Associação, o Silva disse que ia a Vila Franca falar com o delegado do governo, sr. Salreu, para o que tomou o comboio, voltando depois acompanhado da G. N. R., que por ele foi brindada com um «lunch», tendo convidado o sargento para jantar em sua casa.

Não pode admitir-se que um agente da autoridade ande assim a captar a simpatia de várias criaturas, só para poder tripudiar sobre os direitos dos trabalhadores sindicais.

E estes quando estarão dispostos a reagir com energia contra os que só pretendem a sua miséria e a queda do seu sindicato?—C.

Pescadores de Buarcos

Urge que os socorros a náuticos deixem de ser uma ficção

BUARCOS, 7.—Os marítimos desta localidade estão sendo votados ao mais inconcebível abandono.

Existe aqui uma casa denominada de «salva-vidas», que contém vários barcos com alguns marinheiros e um piloto de mar ao seu serviço. Entretanto os socorros aos marítimos não passam de pura ficção.

Há pouco tempo ainda que morreu um pescador no mar, vítima de um desastre, sem que de terra lhe fosse prestado auxílio algum.

A classe dos pescadores de Buarcos não pode estar assim a mercê das tempestades do mar, enquanto aqueles que têm o dever de lhes prestar os necessários socorros se despreocupam da sua segurança.—C.

Funcionalismo público

Refutam-se algumas afirmações feitas sobre os contínuos dos liceus

Em A. Batalha de 5 do corrente mês vem publicado um artigo com o epígrafe «Funcionalismo público», onde Paulo Emilio faz referências à classe dos contínuos dos liceus. A bem da verdade sou forçado a destruir todas as afirmações que no aludido artigo se fazem à referida classe.

Principiando por esclarecer tudo quanto se diz no citado artigo, proponho dos mesmos empregados, somos a dizer que é falso haver contínuos que fossem pedrês às instâncias superiores qualquer redução nos vencimentos dos empregados denominados «guardas», mas sim foram defender os interesses da classe dos contínuos, direito que assiste a todas as classes quando se encontram lesadas.

A atitude tomada é baseada na lei que faculta terem os contínuos direito a reclamação, mas nunca em prejuízo dos indivíduos a quem o articulista se refere.

A lei 4.650, de 14 de julho de 1918, estabeleceu duas categorias nos liceus, contínuos e guardas, com ordenados diferentes. O Regulamento da Instrução Secundária, de 18 de junho de 1921 (Decreto 1.758), estabeleceu uma 3.ª categoria, mas o artigo 387 do citado Regulamento, diz que ficam reservados os direitos adquiridos tanto dos contínuos como também dos guardas.

Acresce a circunstância de que ultimamente à classe dos guardas foi dada uma melhoria superior à dos contínuos, e em face da lei 1.355, de 15 de setembro de 1922, art.º 15, que diz «duas categorias diferentes não podem ter vencimentos iguais», os contínuos, de harmonia com o exposto na lei, só pediram o que direito e de justiça lhes pertencia, assim como igual liberdade assiste aos empregados guardas em pedir para serem aumentados.

E no que diz respeito à afirmação do articulista de que os contínuos se intitulam como tal, afirmamos categoricamente que o não de facto e por tal nomeados pela lei 4.650 acima citada. Que de verdade desapareceram as categorias nos liceus, mas as actuais são respeitadas pelo Decreto 1.758, art.º 387 do mesmo regulamento acima citado. E eis em poucas palavras a razão que lhes assiste em pedir o que de direito lhes pertence.

SANTOS ZACARIAS

Os rendimentos dos operários

Deu entrada na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, António Nascimento Moraes, de 16 anos, filho de Abílio do Nascimento Moraes e de Guilhermina Bento Moraes, serralleiro e residente na rua Gomes Freire, 39, 1.ª, que, na oficina de José Ramos na rua das Picóas, 12 e 14, foi colhido pela corrente de uma máquina, que lhe arrancou o braço direito.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Corticeira Nacional—Reuniu o conselho federal tendo apreciado expediente de Aldega, Sines, Belém, Vila Nova de Gaia e Vendas Novas.

Resolvido tratar mais uma vez, junto da firma Herold, dum caso passado com o pessoal da fábrica de Sines e enviar delegados a uma sessão que se efectua amanhã em Belém. O conselho resolveu também enviar um delegado a Gaia, o qual deve permanecer ali algum tempo, com a incumbência de organizar convenientemente os corticeiros do norte.

Por último o conselho ocupou-se largamente do conflito existente com a firma Wicander, tendo tomado medida atinentes a pôr cõbo a atitude assumida pelo pessoal de Vendas Novas a cujo facto se deve a não solução do referido conflito.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação Mobiliária—Pelas 20,30 horas, o conselho federal, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciação do relatório da comissão revisora de contas; delegação a C. G. T.; apreciação de correspondência internacional; nomeação de secretário da mesa do conselho; resolver sobre o levantamento da organização mobiliária em todo o país para a realização do congresso corporativo e outros assuntos.

Federação do Livro e do Jornal—Os organismos aderentes podem mandar buscar hoje das 18 às 20 horas o *Ordre do Dia*, a fim de ser distribuído aos sócios.

Associação dos Caixeiros—Prosegue, às 21 horas, a discussão do relatório e contas da direcção, nomeação de delegados à U. S. O., Federação e eleição dos corpos gerentes para 1925.

Operários da Indústria de Conservas—Pelas 19 horas, em assembleia geral.

Cocheiros—Assamblea geral às 21 horas para prestação de contas e nomeação de nova direcção.

S. U. da Construção Civil—Secção Profissional dos Pedreiros—Pelas 21 horas, para tratar de assuntos urgentes.

Secção Técnica—Os delegados caixeiros às 21 horas.

Comitê da Sede—A's 20,30 horas, para apresentação de contas e dar posse ao novo comitê.

Fragateiros do Porto de Lisboa—A assembleia geral, pelas 19 horas para tratar de assuntos de grande interesse para a classe.

Condutores de Carroças—Pelas 20 horas, a comissão administrativa